

FEMICÍDIOS EM PORTUGAL EM:

2017 - IIII IIII IIII IIII 20

2018 - IIII IIII IIII IIII IIII IIII 28

2019 - IIII IIII II 12 (atualizado a 7 de março.)

RELAÇÃO DAS VÍTIMAS COM OS FEMICIDAS - RELATÓRIO DE 2018 DA UMAR:

Mulher:	Namorada, companheira, ou outra relação de intimidade:	Ex-companheira:	Ascendente direta (mãe ou sogra):
32%	33%	3%	32%

«As mulheres vivem com medo:
têm medo de falar, de contestar,
de desobedecer» Leonor Xavier, Jornalista

~~VIOLÊNCIA~~



A escritora LEONOR XAVIER pediu aos bispos de Portugal, através da Conferência Episcopal, para se pronunciar «concretamente sobre a violência doméstica», e que, a par da doutrina e da sensibilização para a fé, aposte igualmente na «formação da cidadania».

O pedido foi dirigido ao episcopado, na figura de um dos seus membros, o presidente da Comissão da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais, D. João Lavrador, durante a Jornada Nacional da Pastoral da Cultura, que debateu o tema “A Mulher na Sociedade e na Igreja”.

Ao apresentar um conjunto de dados recentes em Portugal que ilustram a desigualdade entre o masculino e o feminino na família e na atividade laboral, a jornalista frisou que «as mulheres vivem com medo: têm medo de falar, de contestar, de desobedecer», sendo esta uma realidade transversal à sociedade portuguesa.

Todavia, observou, sentem-se «mudanças nos costumes e comportamentos nas novas gerações», pelo que «já há homens capazes de lavar um prato, em vez de o largar enquanto estão a ver futebol».

Na intervenção que proferiu a 1 de junho, em Fátima, reproduzida no vídeo abaixo, Leonor Xavier recordou os anos passados no Brasil, tendo sublinhado que a teologia da libertação lhe proporcionou «uma perspetiva de esperança sobre um mundo melhor, uma ideia de compaixão pelas situações dos pobres».

«Tenho a graça de ter tido fé ao longo das curvas e contracurvas da minha vida», declarou, antes de vincar que «a Igreja é de inclusão, não de exclusão», e que a ação nas paróquias, nomeadamente na transmissão da fé, é sobretudo feita por mulheres catequistas.

silêncio da Igreja portuguesa

Se pesquisarmos Igreja portuguesa + violência doméstica obtemos os mesmos resultados que obteríamos se pesquisássemos Igreja portuguesa + dildos. Por outro lado, todos nos habituámos a ver e a ouvir clérigos portugueses a falar sobre tudo: política, troika, futebol, drogas, etc.

Sendo que a grande maioria dos crimes contras as mulheres são cometidos em zonas rurais ou semi-rurais, isto talvez cause admiração. Nas pessoas com défice de atenção.

A Igreja não usa o poder político e mediático de que dispõe porque não quer. E não quer porque está historicamente vinculada às bases mentais e culturais nas quais assenta o pressuposto. A mulher tradicional, a mãe de família, tem por obrigação a obediência ao marido. O divórcio, a maior causa da morte das mulheres é, ainda, um inimigo da Igreja. Como dos maridos assassinos.

[...]

um massacre banal

Tão banal que nem o *DN* nem o *Público* hoje [25.03.2017] o trazem na capa. Se isto não é normal, o que é normal?

Nas campanhas contra os queruscos, na Germânia, os romanos empregavam um verbo para definir as razias que faziam nos campos: *vastare* (esvaziar). O nosso devastar inclui o prefixo latino *de* (totalmente). Ou seja, esvaziar tudo.

A diferença do massacre normal para as pequenas matanças diárias, ainda mais normais, tão normais que talvez sintamos a falta delas se um dia acabarem, ou se se reduzirem, é ...nenhuma. A devastação de uma só família não vale menos do que a de três ou quatro.

Não vale a pena explicar que se quatro ativistas ambientais, ou imigrantes, ou ciganos, ou ativistas LGBT fossem degolados em meia hora numa aldeia minhota, a comoção na Lisboa mediática letrada era brutal. Medidas urgentes eram exigidas. E, sem dúvida nenhuma, com toda a razão.

Só podemos especular sobre a indiferença. Desde a disfuncional pulseira eletrónica do Manuel Palito ao sossego com que o alegado autor do massacre de Barcelos vivia num sítio onde viviam testemunhas do espancamento que ofereceu à filha, à ex-sogra e, provavelmente, à ex-mulher.

Talvez a máquina judicial e a mediática-lisboeta pensem o mesmo: são coisas lá deles, de matarruanos, de terras de couves e gado.

Serei eu porventura a estar errado. Voltemos aos romanos. Massacre radica vagamente em *macacre*, *macecle*, termos franceses antigos derivados do *macellum* romano: talho.

Nada mais vulgar do que um sítio onde se cortam costeletas.

também já fui a cigana (ou a preta) dos outros

Ela consegue fazer isto, é espantoso. Esta era a reação do patrão que me tinha atribuído uma tarefa ridiculamente fácil, mas como eu era portuguesa ele não esperava que eu conseguisse. Estávamos em Bruxelas em 1973, talvez início de 1974, e naquela pequena empresa os únicos belgas eram o dono e a secretária. Nós, os outros, éramos uma espécie de equipa benetton: uma congoleza, uma espanhola, um vietnamita, uma polaca e eu. Recebíamos menos e tínhamos menos direitos do que os da Comunidade Económica Europeia, na altura constituída por França, República Federal da Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica e Luxemburgo. E mais o Reino Unido, a Irlanda e a Dinamarca, que tinham acabado de entrar.

Nós éramos todos de fora e isso criou cumplicidades com significados diferentes. Anne-Marie, linda e sempre vestida de capulanas espetaculares, era casada com um opositor de Mobutu, um homem de Lumumba que tinha sido forçado a deixar o então chamado Zaire. Tínhamos uma cumplicidade política, uma coisa em meias-palavras. Blanca era exuberante e atrevida. Aproveitava as ausências do chefe e da secretária para falar ao telefone com o namorado em Espanha. Ríamo-nos, só eu percebia

o que ela dizia. Barbara encantava-se com os sons do português e de vez em quando ia a minha casa. Gostava da palavra nuvem. O contabilista Trinh era discreto, não convivia connosco.

O patrão, bigodinho estreito e sotaque de Bruxelas, e a secretária eram os únicos monsieur e madame. Nós éramos Anne-Marie, Blanca, Barbara, Trinh e Ana.

A imigração portuguesa tinha sido cortada na Bélgica, mas, nesses anos antes do 25 de Abril, o país acolhia quem pedia asilo ao Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas. Havia ONG que disponibilizavam apoio, e a segurança social oferecia um subsídio, as primeiras rendas de casa e algum recheio essencial. Apresentávamo-nos às autoridades todos os meses.

Só tínhamos acesso aos trabalhos que requeriam menos habilitações, enquanto esperávamos o estatuto de refugiados da ONU, as bolsas de estudo ou o reconhecimento das habilitações. Mesmo depois de conseguidos "os papéis" os obstáculos não desapareciam. Era preciso provar--se que se era capaz. A cor da nossa pele era avaliada. Portuguesa e loira? estranhavam constantemente, como se fosse impossível. Vínhamos da Europa do Sul e abaixo de nós, na cadeia

alimentar, estavam os marroquinos e os congolezes, as comunidades mais numerosas de então. O G, nascido em Moçambique e desde miúdo criado em Portugal, foi uma vez apanhado a comer morangos no supermercado. Tinha saudades de morangos. Humilharam-no como se fosse um criminoso e ele chorou de raiva.

Se conto isto não é para reivindicar nada, é apenas para dizer como é fácil sermos tratados como "os outros", aqueles de quem se desconfia porque não pertencem ao grupo. Estávamos na Bélgica depois de termos sido recambiados na fronteira da Suécia: "Estamos fartos de pagar impostos para vos sustentar." Puseram-nos no mesmo barco em que chegáramos, como se fossemos perigosíssimos, os passaportes riscados a vermelho e entregues à polícia marítima. Tínhamos a polícia alemã à espera para nos interrogar e finalmente lá nos deixaram apanhar o comboio para Bruxelas.

Este é o tema destes dias, em Portugal, 2017, com a revelação de situações insuportáveis na Cova da Moura e com a discussão sobre palavras de um candidato autárquico sobre ciganos. E a este propósito tenho, assim de repente, duas reações. Uma é aplaudir e adotar a resposta de Mamadou Ba na RTP: não entro em concursos de burrice. Não me faz sentido repisar

argumentos mais do que esclarecidos. Outra é voltar ao livro *Racismo*, de Francisco Bethencourt, português académico do King's College de Londres. É um estudo profundo das origens do racismo. O historiador pesquisa e analisa as relações com "os outros" desde o tempo das Cruzadas e até ao século XX, para concluir que "o racismo foi motivado historicamente por projetos políticos". Percorre o mundo inteiro, os diferentes contextos, as teorias "científicas" das raças, os genocídios, as guerras:

"A norma de comportamento antirracista prevalece agora na maior parte do mundo. Todavia, o racismo não desapareceu. Abandonou, isso sim, a reivindicação de diferenças físicas, substituindo-as pela incapacidade cultural. A migração não é criticada com argumentos físicos, mas sim através da ideia de atraso cultural de incapacidade de adaptação. O argumento da inferioridade foi abandonado no debate político; agora, os imigrantes são acusados de desfrutarem de assistência social que não foi criada por eles."

Numa bela manhã a Anne-Marie chegou entusiasmada e disse-me: houve uma revolução no teu país. Abraçou-me, em festa ela também. Consegui a custo que o patrão pagasse o dinheiro que me devia. Era pouco, evidentemente, mas deu para pagar a viagem de comboio.

problemas de homens

Vejo nas sondagens que a violência contra as mulheres é o assunto número catorze nas preocupações dos espanhóis, apesar de que todos os meses se contem pelos dedos, e desgraçadamente faltam dedos, as mulheres assassinadas por aqueles que crêem ser seus donos. Vejo também que a sociedade, na publicidade institucional e em distintas iniciativas cívicas, assume, é certo que só pouco a pouco, que esta violência é um problema dos homens e que os homens têm de resolver. De Sevilha e da Estremadura espanhola chegaram-nos, há tempos, notícias de um bom exemplo: manifestações de homens contra a violência. Até agora eram somente as mulheres quem saía à praça pública a protestar contra os contínuos maus tratos sofridos às mãos dos maridos e companheiros (companheiros, triste ironia esta), e que, a par de em muitíssimos casos tomarem aspectos de fria e deliberada tortura, não recuam perante o assassinio, o estrangulamento, a punhalada, a degolação, o ácido, o fogo. A violência desde sempre exercida sobre a mulher encontrou no cárcere em que se transformou o lugar de coabitação (neguemo-nos a chamar-lhe lar) o espaço por excelência para a humilhação diária, para o espancamento habitual, para a crueldade psicológica como instrumento de domínio. É o problema das mulheres, diz-se, e isso não é verdade. O problema é dos homens, do egoísmo dos homens, do doentio sentimento possessivo dos homens, da poltronaria dos homens, essa miserável cobardia que os autoriza a usar a força contra um ser fisicamente mais débil e a quem foi reduzida sistematicamente a capacidade de resistência psíquica. Há poucos dias, em Huelva, cumprindo as regras habituais dos mais velhos, vários adolescentes de treze e

catorze anos violaram uma rapariga da mesma idade e com uma deficiência psíquica, talvez por pensarem que tinham direito ao crime e à violência. Direito a usar o que consideravam seu. Este novo acto de violência de género, mais os que se produziram neste fim-de-semana, em Madrid uma menina assassinada, em Toledo uma mulher de trinta e três anos morta diante da sua filha de seis, deveriam ter feito sair os homens à rua. Talvez 100 000 homens, só homens, nada mais que homens, manifestando-se nas ruas, enquanto as mulheres, nos passeios, lhes lançariam flores, este poderia ser o sinal de que a sociedade necessita para combater, desde o seu próprio interior e sem demora, esta vergonha insuportável. E para que a violência de género, com resultado de morte ou não, passe a ser uma das primeiras dores e preocupações dos cidadãos. É um sonho, é um dever. Pode não ser uma utopia.

JOSÉ SARAMAGO (1922-2010). Prémio Nobel de Literatura de 1998.

In *O Caderno* 2, 27 de julho de 2009

QUANDO MORRERAM?

Nos primeiros

41 dias

do ano

QUEM MATOU?

4

O companheiro

O ex-marido ou
o ex-companheiro

2

Um familiar
próximo
(cunhado,
ex-genro, pai)

4

1

Alguém próximo
(cliente)

LOCAL DO HOMICÍDIO

9

Em casa
da vítima

2

Na via
pública

ARMA DO CRIME

5



Com arma de fogo

2



Espancadas
até à morte

3



Com arma branca

Por asfixia

1



MEDIDAS DE COAÇÃO

3

Homicidas que ficaram
em prisão preventiva

Crimes que continuam
em investigação.

As circunstâncias
do homicídio indicam
violência doméstica

2

4

Casos em que
o agressor
cometeu suicídio
após o crime



Pablo Picasso. *Mulher sentada a uma janela* (1937)

há uma mulher a morrer sentada

Há uma mulher a morrer sentada
Uma planta depois de muito tempo
Dorme sossegadamente
Como cisne que se prepara
Para cantar

Ela está sentada à janela. Sei que nunca
Mais se levantará para abri-la
Porque está sentada do lado de fora
E nenhum de nós pode trazê-la para dentro

Ela é tão bonita ao relento
Inesgotável

É tão leve como um cisne em pensamento
E está sobre as águas
É um nenúfar, é um fluir já anterior
Ao tempo
Sei que não posso chamá-la das margens

Daniel Faria (1971-1999)
in "*Dos Líquidos*"